

**AS ASSIMETRIAS POLÍTICAS NA RELAÇÃO DE ESPAÇO E PODER  
NOS BAIROS SÃO CRISTÓVÃO E LIMEIRA EM UNIÃO DA VITÓRIA – PR**

**Maricler Salete Wollinger Kovalczuk \_ UNESPAR - Universidade Estadual do  
Paraná - Campus União da Vitória - Paraná - FAFI**

mariclerwk@gmail.com

**RESUMO**

Este artigo tematiza a geografia política abordando as imbricações entre as relações de poder na organização do espaço geográfico considerando as dimensões política, econômica, social, cultural e histórica da criação e desenvolvimento/estagnação como agentes de produção e transformação de espaços desiguais por meio de decisões de planejamento e organização espacial. Objetiva discutir as assimetrias na formação socioespacial por meio das diferentes dimensões coexistentes nos Bairros Limeira e São Cristóvão no município de União da Vitória/PR. E, como resultado demonstra os processos que levaram/levam ao desenvolvimento desigual dos referidos bairros motivados por investimentos concentrados em áreas que proporcionam maiores lucros e favorecem a ação do agente político (poder) na gestão do espaço.

**Palavras-chave:** geografia política; poder; espaço.

**INTRODUÇÃO**

O espaço geográfico deve ser reconhecido em sua totalidade de forma diferenciada à concepção de extensão, distância e localidade, uma vez que representa o produto de fluxos relacionais nele inscritos e resultado das relações indentitárias.

Nesse sentido, é importante considerar a geografia e a política como elementos intrinsecamente ligados, pois, enquanto aquela estuda a superfície e a distribuição espacial dos fenômenos significativos na paisagem, esta é considerada um mecanismo por meio do qual o espaço geográfico é delimitado e redefinido. Essa delimitação/redefinição, conforme Ribeiro (2012) implica em marcas indentitárias dos diversos grupos sociais no espaço geográfico capazes de definir os campos de ações.

Dessa forma, a geografia política que estuda a política em sua dimensão espacial e todos os acontecimentos que contribuem de diversas formas para as

mudanças leva a considerar a premissa de Ratzel (1988) citado por Vesentini (2010), para o qual a política é antes de tudo uma relação de forças. Isso implica na concentração das múltiplas possibilidades que perpetram o espaço geográfico constituídas das infinitas determinações espaciais que, segundo Ribeiro (2012) promovem a configuração de um mosaico de relações com densidade técnica desigual, conferindo identidade e redefinindo seus atributos e lugar na teia de relações de um mundo globalizado.

Assim, como objeto de análise deste estudo e concebendo o espaço geográfico como consequência do trabalho desenvolvido ao longo do tempo, cuja edificação e moldagem se fazem pelas relações econômicas, sociais e políticas, este artigo surgiu da seguinte questão: “Em que aspectos o poder político promove influências no desenvolvimento assimétrico dos Bairros Limeira e São Cristóvão no Município de União da Vitória/PR?”.

Cabe ressaltar que a inquietação pela qual este estudo se desenvolveu propõe discutir as assimetrias na formação socioespacial a partir de imbricações políticas, sociais e econômicas existentes nos Bairros Limeira e São Cristóvão no município de União da Vitória/PR visando entender os processos que levaram (e continuam levando) ao desenvolvimento desigual dos referidos bairros. Além disso, são apresentadas análises históricas sobre a ação dos agentes econômicos e políticos, a partir de entrevistas com o Prof. Ms. Jair Brunhago, Chefe do Núcleo Regional de Educação e Vereador; e com Prof. PhD. Eloy Tonon, Historiador, possibilitando o entendimento prévio sobre o desenvolvimento desigual entre os bairros, uma vez que os investimentos se concentram em áreas que proporcionam maiores lucros em favor da ação do agente político.

Desse modo, a proposta inicial justifica-se pela necessidade de compreender a relevância de observações mais acuradas dirigidas para além das aparências da organização do espaço físico reconhecendo e identificando as marcas do poder e interesse político que ordenam sua função na complexa sociedade submetida à produção/circulação/consumo de capital.

O texto discorre de forma breve sobre a história e a evolução da geografia política como modalidade da Geografia Humana ou Social; discute a ocupação do espaço urbano como consequência do processo de industrialização numa sociedade globalizada e regida por um sistema econômico capitalista que leva à competitividade e segregação socioespacial; e a partir da origem histórica do

município de União da Vitória, analisa a formação dos bairros Limeira e São Cristóvão desvelando suas assimetrias permeadas pelo uso do poder político em relação ao espaço, cujos investimentos favorecem a ação do agente político.

## REFERENCIAL TEÓRICO

### A geografia política: histórico e evolução

A obra *Politsche Geographie* (1897), de Friedrich Ratzel, geógrafo alemão, é aceita por especialistas e estudiosos da geografia política como, por exemplo, Sanguin (1977a; 1977b); Costa (1992); Raffestin (1993); Sánchez (1992) e outros, como marco de origem dessa modalidade da geografia humana (ou social). Contudo, Capel (1989) assinala que o termo geografia política não foi criado por Ratzel, uma vez que inúmeras obras com esse título remontam os séculos XVII e XVIII. Outros estudiosos tais como, Yves Lacoste (1976); Kasperson e Minghi (1969) e Gottmann (1952), citados por Vesentini (2010), também admitem uma origem mais antiga para a geografia política e, para os quais a obra de Ratzel surge como uma nova abordagem geográfica da política.

De acordo com Lefort (1991) há diferença entre os termos, isto é, enquanto a política implica na modalidade do saber, o político significa o fenômeno. “Ratzel não foi um pioneiro na incorporação da dimensão espacial no estudo da política e tampouco foi o criador da expressão ‘geografia política’. [...] a preocupação teórica com a espacialidade da política ou do político remonta aos textos clássicos da antiguidade. É praticamente impossível discorrer sobre política – ou sobre qualquer outra atividade humana em sua concretude – sem um mínimo de preocupação locacional. Mas não é necessário, e nem adequado, apelar para os escritos de Heródoto – onde de fato poderemos encontrar o mais antigo texto, pelo menos do Ocidente, a respeito da política: o diálogo entre Otanes, Dario e Megabises a respeito da melhor forma de governo – nos quais não existe a menor preocupação em separar fato de ficção, já que o autor, de forma proposital e explícita, inventa personagens e atribui aos deuses determinados desfechos ou ações”. (VESENTINI, 2010, p.128). Para este autor, foi Tucídides (460 a 400 a.C), personagem posterior a Heródoto (480 a 425 a.C) o criador dessa tradição de objetividade, com provável

origem ocidental, sob o propósito de buscar causas e separar fatos da ficção ou da interpretação.

Conforme o autor citado, foi o estagirita (Aristóteles, 1985), do século IV a.C o primeiro a tematizar a objetividade empregando uma lógica da qual consagrou-se o grande sistematizador e um dos alicerces da ciência moderna nos séculos XVII e XVIII, tendo a política como objeto autônomo de investigações.

Outras considerações também foram emitidas por Maquiavel (1979), no século XVII, sobre as relações entre o governo, o Príncipe e o seu território; Montesquieu (1979), no século XVIII demonstrou ser o mais enfático no processo de valorização da categoria espaço geográfico na vida política. Em sua obra “O espírito das Leis”, Montesquieu assevera explicitações da política a partir das condições geográficas incluindo aspectos fisiográficos (posição, relevo, solos e clima) e a geografia cultural contemplando valores e, de maneira especial, as religiões dos povos; Hegel (1980), de acordo com Vesentini (2010), também valorizou o espaço geográfico buscando compreendê-lo como fundamento do processo histórico.

No entanto, Vesentini (2010), afirma que o único estudo geográfico da política, ou seja, a dimensão espacial da vida política deu-se com Ratzel na última década do século XIX. Para este, a geografia política apresenta-se como um conjunto de temas interrelacionados: Estado e território; origens do Estado e suas relações com seu espaço físico, política geográfica ou territorial, a cidade-capital, capital e suas funções, as relações entre a política os meios de transportes e de comunicação, o exercício do poder no e com o espaço, os atores políticos e suas territorialidades, entre outras.

Assim, Ratzel pode ser considerado o iniciador da geografia política da forma como passou a ser entendida desde o século XIX, por três motivos principais:

“Em primeiro lugar Ratzel foi o organizador ou sistematizador de um conjunto de temas e conceitos que, a partir dele, passaram a ser conteúdo inquestionável de qualquer obra de geografia política, inclusive daquelas elaboradas pelos seus críticos. [...] construiu um novo campo de estudos, definindo seus objetos, ou, em outras palavras, seus temas e conceitos fundamentais, as relações da política com o espaço geográfico, nas quais despontam o estudo do território (tamanho, formato, expansão, retração, localização absoluta e relativa), das fronteiras com a sua tipologia, das cidades capitais (localização no território nacional, sua importância), da política geográfica ou territorial, da circulação pelo

território, da importância do solo (território) na constituição e na evolução dos Estados, do significado de grandes potências ou Estados mundialmente poderosos, da colonização e da guerra enquanto conquista ou domínio territorial”. (VESENTINI, 2010, p.129).

O segundo motivo, conforme o autor citado se deve ao fato de que Ratzel, provavelmente, foi o primeiro geógrafo a escrever sobre o significado da política no sentido moderno da palavra (indicar atividades ou conjunto delas que, de alguma forma, mantêm como termo de referência a pólis, isto é, o Estado) influenciado direta e indiretamente por Spencer, Darwin e Maquiavel. Para Ratzel e Maquiavel a política se exerce no e pelo Estado. Enquanto este é reconhecido como representante da coletividade aquela é vista como: “[...] uma forma de guerra e, sem dúvida, não é por acaso que, para nos fazer compreendê-lo, Maquiavel tenha escolhido raciocinar inicialmente sobre o caso da tomada do poder pelas armas; mas, devemos também reconhecer que essa guerra obedece a imperativos particulares e não depende da violência pura (...). O autor dá a fórmula dessa política quando nota que os homens ‘devem acariciar-se ou trucidar-se’, mas devemos entender que os dois termos dessa alternativa são igualmente aplicáveis conforme o caso: na realidade é preciso acariciar uns e trucidar outros e isto pela mesma razão que sustenta a lógica das relações de força (...). estratégia que vemos claramente não ser inspirada por qualquer outra consideração afora a preocupação de conservação e crescimento da potência”. (LEFORT, 1980, p.34-35).

O terceiro motivo observado pelo geógrafo suíço Raffestin (1993), é que Ratzel deu início a uma abordagem nomotética da geografia política, ou seja, conforme Moraes (1990) buscou conceituar território, fronteiras, cidades-capitais, política geográfica ou territorial, relações entre Estado e espaço, demonstrando preocupação com os conceitos em si aplicáveis a qualquer situação objetivando a construção da geografia política como ciência de modo coerente com sua época e marcada de modo especial pelo darwinismo e positivismo.

O quadro a seguir expõe uma síntese histórica das fases de evolução da geografia política (ou nova geografia política) inaugurada por Ratzel.

<b>Primeira Fase</b>	
<b>Período</b>	<b>Final do século XIX até 1945</b>
<b>Síntese histórica</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Geografia política marcada por uma forte base nacional - escolas nacionais de geografia (alemã, francesa e britânica) colocam seus interesses nacionais acima dos cânones científicos;</li> <li>➤ Quase total identificação da geografia política com a geopolítica;</li> <li>➤ Destaca-se entre os nomes e obras representativas dessa fase: <i>Sir Halford Mackinder</i> – considerado o maior teórico da geopolítica clássica;</li> </ul>
<b>Segunda Fase</b>	
<b>Período</b>	<b>De 1945 até início de 1970</b>
<b>Síntese histórica</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Rompimento com a geopolítica;</li> <li>➤ Maior rigor teórico-metodológico com ênfase na cientificidade identificando-se com o neopositivismo, funcionalismo e materialismo histórico;</li> <li>➤ Preocupações com a guerra fria, ideologias e sistemas socioeconômicos (capitalismo e socialismo);</li> <li>➤ Enfraquecimento das escolas francesa, britânica alemã e fortalecimento da escola nacional norte-americana, a mais importante em geografia política no período pós-guerra – motivação: a Europa arrasada pela guerra diminuiu as verbas para pesquisas levando à imigração de pensadores e cientistas para os Estados Unidos; incentivo: maior poderio econômico e político-militar dos Estados Unidos no pós-guerra ao assumir a condição de superpotência trazendo a necessidade de estudos, pesquisas e reflexões sobre a ordem mundial, correlação internacional de forças nas regiões do globo e relações entre a política e o espaço geográfico;</li> <li>➤ Geógrafos que contribuíram para a evolução da geografia política: Jean Gottmann (a política dos Estados Unidos e a sua geografia, significado de território); L. M. Alexander (modelos políticos mundiais); Leo Waibel; David Harvey; Richard Hartshorne (abordagem funcionalista na geografia política); N. Pounds (geografia</li> </ul>

	política num mundo dividido); e outros; muitos intelectuais já tinham deixado a Alemanha, antes da guerra, motivados pelo regime nazista que perseguia pensadores judeus, de esquerda e liberais, entre outros.
<b>Terceira Fase</b>	
Período	<b>Inicia-se na segunda metade da década de 1970 e continua atualmente em aberto</b>
Síntese histórica	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Momento de indeterminações com crescente e rica produção;</li> <li>➤ Expansão da geografia política com abordagem crítica de velhos temas e a invenção de novos;</li> <li>➤ Advento de novos sujeitos: movimentos sociais, movimento feminista (originando a geografia feminista), lutas dos afro-americanos por seus direitos, demandas dos homossexuais; novas formas de contestação; crise do planejamento centralizado e do marxismo; derrocada do socialismo real; o advento da globalização e a nova ordem mundial.</li> </ul>

**Fonte:** ADAPTADO DE VESENTINI, 2010, p.133-134.

Embora de forma bastante resumida, o quadro permite observar uma dinâmica de transformações e mudanças que implicam numa nova visão ampla da geografia política. Além disso, destaca-se, de acordo com Vesentini (2010), que esta modalidade da geografia sempre dialogou com pensadores renomados de diferentes áreas do conhecimento como, por exemplo, Aristóteles, Maquiavel, List, Montesquieu, Spencer, Hegel, Weber; e filósofos ou cientistas sociais que contribuíram para redefinir a geografia política, entre eles, Michel Foucault – autor de uma nova concepção de poderes indissociáveis do uso ou da reorganização dos espaços; Henri Lefevre detentor da ideia de produção do espaço social; Claude Lefort com o enigma político e a invenção democrática; Cornelius Castoriadis e a crítica ao marxismo somada à ideia de autonomia; a teoria crítica da escola de Frankfurt e as contribuições de Habermas, entre outros.

Assim, a partir das diversas contribuições de estudiosos, especialistas e pesquisadores, não apenas da área de geografia, mas da política e das ciências sociais, a geografia política ganhou um novo significado passando a ser entendida

como o estudo geográfico ou espacial da política e, conforme Ventura (2007), não mais um estudo genérico dos Estados.

Frente ao exposto, torna-se imprescindível considerar a geografia política como ciência para o estudo de uma região humanizada como unidade política observando: “[...] suas bases geográficas e territoriais, as modificações na distribuição demográfica, o seu potencial econômico comparando com as que estão em seu entorno e os outros fenômenos sociais”. (VENTURA, 2007, p.06).

### **A relação dinâmica entre poder, ocupação de espaços e segregação social**

A dinâmica da evolução da geografia política leva a considerar que:

*“[...] nenhum aspecto da sociedade brasileira poderá ser jamais explicado/compreendido se não for considerada a enorme desigualdade econômica e de poder político que ocorre em nossa sociedade [...]. A segregação é a mais importante manifestação espacial-urbana da desigualdade que impera em nossa sociedade [...] e só pode ser entendida se for articulada explicitamente (e não apenas implicitamente ou subentendida) com a desigualdade. Essa explicitação se dá desvendando-se os vínculos específicos que articulam o espaço urbano segregado com a economia, a política e a ideologia, por meio das quais opera sua dominação (VILLAÇA, 2011, p.2)”.*

Para Haesbaert (2006), a partir das relações de poder mediadas pelo espaço concebe-se o ‘território’. Neste, a noção de poder adquire um sentido ampliado incluindo a força do poder simbólico (micropoderes) e aceção leva a conceber a existência e ocorrência de macro e microterritórios configurados a partir de uma maior ou menor carga funcional e simbólica.

Enquanto que à disponibilização desigual de recursos e de população, resultando nos segregados e excluídos, Ianni (2007, p. 21) chama de: [...] “Torre de Babel, quando indivíduos se acham extraviados, em declínio, ameaçados ou sujeitos à dissolução”. A cidade, neste sentido, passa a ser palco dos maiores confrontos ideológicos, numa controvérsia da integração e segregação social e espacial, pois segundo Sposito (2008) é o lugar do poder do Estado, cujo papel é organizar as forças sociais dominantes no espaço e no tempo.

Para Raffestin (1993), quando estas divergências são visíveis, o poder estabelecido principalmente pelo Estado é empregado. Desta forma, uma hierarquia é disposta, para que o Estado possa organizar e controlar o território e a população. A hierarquização dos espaços resulta na segregação e exclusão de parcelas da população e parcelas do espaço, expressas conforme Santos (2008), no movimento da divisão do trabalho sobre o modo de produção capitalista estabelecido pela divisão do grau de desenvolvimento e reprodução do capital.

Marx (1980) argumenta que, à medida que a força de trabalho encontra maiores dificuldades na forma de sua reprodução, as condições pioram e os lugares tornam-se cada vez mais degradáveis. Essa degradação pode ser constatada na existência de favelas, nos índices de subempregos (informalidade), na degradação dos espaços de moradia em regiões periféricas e ribeirinhas, na violência entre os homens e contra o meio natural no qual estão inseridos. Nesse sentido, Lojkin (1997) apresenta três tipos de segregação social e espacial: em nível de habitação, de infraestruturas e equipamentos, e de transporte. Enquanto Santos (2007, p. 114) propõe uma contradição entre os elementos oriundos da globalização e desenvolvimento, pois há espaços que concentram e acolhem os recursos da globalização e espaços que concentram uma produção acelerada de pobres: “[...] excluídos e marginalizados resultando no desenvolvimento desigual, combinado e contraditório”. (IANNI, 2007, p. 245).

E a aldeia global figura como fábula:

*“A globalização mata a noção de solidariedade, devolve o homem à condição primitiva do cada um por si e, como se voltássemos a ser animais da selva, reduz as noções de moralidade pública e particular a um quase nada”. (SANTOS, 2007, p. 65).*

O processo de transformação se tornou possível com a penetração do fator político na sociedade, quando o espaço se torna palco de conflitos e oposições ou, conforme Raffestin (1993), quando algumas áreas passam a ser mais privilegiadas que outras, formando um grande núcleo de manipulação e domínio sobre os menos favorecidos.

Sob esses aspectos analisam-se as contradições entre os bairros Limeira e São Cristóvão.

## **Procedimentos Metodológicos**

Na realização deste estudo utilizou-se da pesquisa bibliográfica para fundamentação teórica e pesquisa de campo, a qual, segundo Vieira (2005), estuda um ou mais grupos ou comunidade em relação à estrutura. Esta desenvolvida pela observação direta das atividades do grupo estudado e/ou entrevista com informantes para obtenção de explicações e interpretações sobre os fatos ou comportamentos ocorridos com o grupo utilizando-se de técnicas específicas para recolhimento de dados por meio de instrumentos de observação controlada.

### **Origem e assimetrias no desenvolvimento dos bairros Limeira e São Cristóvão em União da Vitória - PR**

A origem da cidade de União da Vitória - PR encontra-se fundamentada na descoberta do vau do Rio Iguaçu, no caminho das tropas, descoberto, segundo Fávares (2000), em 12 de abril de 1842 pelo capitão Pedro de Siqueira Cortes e situava-se a oito léguas acima do entreposto Nossa Senhora das Vitórias (atualmente Porto Vitória).

*“Em 1846, para encurtar caminho, os fazendeiros determinaram a abertura de uma nova picada, de Palmas até o vau, e daí até Palmeiras. O movimento passou a ser grande nesta região. O sal que vinha do litoral para Palmas passava por este caminho. Se viesse por terra, pela estrada de Palmeira, os cargueiros transpunham o rio pelo vau. Vindo pelo rio Iguaçu, desde o Porto Caiacanga (atual Porto Amazonas), o sal era desembarcado nesta localidade e seguia no lombo de mulas para Palmas. Porto União da Vitória surgiu como porto de desembarque do sal. Seus primeiros habitantes foram os tropeiros e canoieiros, que se agrupavam às margens do rio, na espera do momento oportuno para fazer a travessia. Em pouco tempo, surge um núcleo populacional que tirava seu sustento do rio”. (FÁVARO, 2000, p. 3).*

Em 1905 a cidade começa a viver a dualidade do desenvolvimento. Com a Estrada de Ferro ligando São Paulo ao Rio Grande do Sul, enquanto uma elite prospera explorando economicamente a região, outra parte da população sofre os transtornos da expulsão de terras (sem documentos de posse definitiva) para a passagem dos trilhos, cuja ponte férrea sobre o rio Iguaçu e logo acima do vau, foi inaugurada em 26 de novembro de 1906.

A partir de 20/10/1916, segundo Fávaro (2000), com a assinatura do acordo de limites entre os Estados do Paraná e Santa Catarina, que viveram intensamente o conflito do Contestado (disputa territorial - questão do caboclo posseiro que perdia suas terras para ver assentados os imigrantes europeus e questão messiânica confundida com um levante monarquista), o rio Iguaçu e a estrada de ferro, passaram a ser os limites entre os dois estados, originando as Cidades Gêmeas do Iguaçu, ou seja, União da Vitória/Paraná e Porto União/Santa Catarina.

Sob esse contexto histórico, social e político, é analisada a formação/desenvolvimento dos bairros São Cristóvão e Limeira (localização - figura 1), cujo histórico de formação é bastante controverso. Em entrevista com Jair Brunhago e Eloy Tonon, São Cristóvão teve suas primeiras ocupações com a pousada de tropeiros que passavam por União da Vitória rumo a Curitiba, que possibilitou a construção de uma Estação Ferroviária e do Aeroporto.

**Figura 1:** Localização dos Bairros Limeira e São Cristóvão.



**Fonte:** FÁVARO, 2000.

A ocupação do bairro São Cristóvão remonta a década de 1960, com aproximadamente 15 casas. Em 1970 houve um impulso ocupacional com a vinda de muitos migrantes, de Dorizon, Mallet, Paulo Frontim e Rebouças, constituindo

grandes fazendas nessa área. Na década de 1980, o bairro cresceu de forma espantosa e a população passou a ocupar áreas distantes da ferrovia, se expandindo para os morros, tornando São Cristóvão um Distrito com agregação de bairros menores ao seu entorno (São Braz e Bairro da Salete). Na década de 1990, a ferrovia foi desativada e a população passou a ocupar as áreas antes pertencentes à ferrovia, expandindo a área urbana do Bairro e possibilitando a efetivação de novas atividades.

Em contrapartida, o Bairro atualmente conhecido como Limeira apresenta outro histórico de formação. No período que antecede à década de 1980 constituía-se em zona de meretrício. Em 1983, União da Vitória atingida por uma grande enchente deixou muitas famílias desabrigadas. O Estado interviu, afastando a zona de meretrício para a BR 476 objetivando transferir para aquele espaço a população ribeirinha das áreas alagadas. Consternada, a população da cidade Limeira/São Paulo realizou inúmeras doações às famílias desabrigadas, fornecendo materiais de construção para 50 (cinquenta) casas pré-moldadas. Por esta razão, o bairro recebeu o nome de Limeira. Este, então, passa a abrigar a população de baixa renda da cidade: “São os trabalhadores avulsos [...] são famílias que não tem uma renda relativamente boa”, afirmou Eloy Tonon em entrevista. Com esse contingente populacional o Bairro foi se caracterizando pela violência e criminalidade.

A ocupação irregular de espaços traz inúmeras consequências: “[...] as pessoas sem lugar para morar, acabam indo para lugares onde a terra tem menor valor ou não pode ser legalmente ocupada como, por exemplo, margens de rios”. (NEGRINI, 2012, p. 03).

Atualmente, os Bairros objeto deste estudo são investidos de infraestruturas completamente opostas conforme exposto na figura 2. São Cristóvão tem sido foco de grandes investimentos políticos e econômicos, enquanto o Limeira carece de toda rede de infraestruturas.

**Figura 2:** Vista dos Bairros Limeira e São Cristóvão



**Fonte:** PESQUISA, 2012.

O Limeira, espaço ocupado por trabalhadores informais e/ou mal remunerados, principalmente após a crise das madeiras, entre a década de 1980 e 1990, passou a agrupar catadores de papéis e recicláveis da cidade.

A situação agrava, pois não há uma coleta seletiva e nem um depósito onde os catadores possam fazer a seleção adequada do lixo, que acumula ao redor das residências contribuindo para o aumento dos índices de doenças.

**Figura 3:** Casas dos catadores de papéis e recicláveis no Limeira.



**Fonte:** PESQUISA, 2012.

Os cuidados referentes à saúde é outro quesito preocupante. O Limeira possui Posto de Saúde com infraestrutura decadente e falta de atendimento médico. Está prevista a construção de uma nova Unidade de Saúde. Este é um fator determinante na qualidade de vida da população do Bairro, pois muitos moradores vivem ao redor do Rio Curtume, cuja nascente fica próximo a um Cemitério. Em contrapartida, São Cristóvão tem sido o foco de investimentos e desenvolvimento. Segundo Jair Brunhago, o Plano Diretor proporciona este processo, pois a cidade

está projetada para esta área. Esse aspecto, segundo ele, deve-se ao relevo mais plano, em oposição ao Limeira, mais acidentado, de difícil acesso e investimento.

No entanto, observam-se alguns detalhes nessas questões. No São Cristóvão residem cinco vereadores da Câmara Municipal, de um total de dez, o que dinamiza ainda mais o processo de investimentos. Outra questão é a concentração populacional, em torno de 25 (vinte e cinco) mil, ou seja, aproximadamente 47% da população de União da Vitória.

Esta realidade encontra respaldo na seguinte afirmação “[...] aos atores mais poderosos se reservam os melhores pedaços do território e deixam o resto para os outros”. (SANTOS, 2007, p. 79). Constituindo: “[...] a existência do Estado, quando a soberania é exercida num território, por uma determinada população”. (RAFFESTIN, 1993, p.51).

A concentração de poder em São Cristóvão possibilitou a construção e desenvolvimento do comércio, de casas populares como o ‘Projeto Minha Casa, Minha Vida’, abrindo espaços para a especulação imobiliária. Em associação com a Cohapar e Caixa Econômica, a Prefeitura de União da Vitória possibilitou a construção de 500 (quinhentas) casas no Bairro em questão, enquanto que em outros bairros da cidade foram construídas 50 (cinquenta), Bairro São Gabriel e Bernardina. Há também que se considerar a construção de casas populares por agências particulares, que têm construído grandes núcleos habitacionais no Bairro São Cristóvão. Na figura 4 observam-se as casas construídas pela Prefeitura e pela agência particular da cidade, respectivamente.

**Figura 4:** Construções de casas populares em São Cristóvão.



**Fonte:** PESQUISA, 2012.

Contudo, segundo os entrevistados, um dos fatores que mais contribui para o desenvolvimento do bairro São Cristóvão frente à realidade de outras áreas da cidade, é a educação. O Bairro concentra um grande núcleo educacional do Município com tendência a se expandir com a implantação do Instituto Federal do Paraná (IFPR) até 2014. Segundo Jair Brunhago, a prefeitura comprou o terreno e o doou ao Instituto. A área estava hipotecada nas mãos de alguns advogados, a prefeitura devolveu-a à população em forma de educação. Destinou-se à construção, uma verba de cinquenta e seis milhões de reais: à parte administrativa cerca de dez milhões. A estimativa inicial é de 1200 (mil e duzentos) alunos.

Enquanto que o bairro Limeira conta apenas com uma escola municipal e uma creche, cuja infraestrutura encontra-se em situação precária.

A partir da análise dos bairros Limeira e São Cristóvão, de União da Vitória/PR conclui-se que o poder político promove influências no desenvolvimento assimétrico desses Bairros em diferentes aspectos e de modo especial, nos aspectos:

*Histórico:* Limeira – inicialmente área de meretrício; mais tarde, com a enchente de 1983 no Município de União da Vitória torna-se espaço de acomodação/ocupação dos desabrigados ribeirinhos do Rio Iguaçu;

São Cristóvão – inicialmente serviu de pousada aos tropeiros abrigando mais tarde grandes fazendas;

*Econômico:* Limeira – terreno acidentado e de difícil acesso; ocupação indevida; falta de: planejamento, de perspectivas de melhoria da qualidade de vida, de investimentos públicos; desinteresse por parte dos gestores municipais, estaduais e entes da federação; ausência de condições financeiras para iniciativas no comércio levando à indisponibilidade de empregos; existência de trabalhadores informais, desempregados, catadores de lixo reciclável e outros; carência na aplicabilidade de políticas públicas, entre outras;

São Cristóvão – construção de uma Estação Ferroviária e Aeroporto; implementação do comércio local e abertura de novas opções comerciais oportunizando mais empregos para diferentes profissionais em áreas técnicas e especializadas incentivando na população a busca por formação; interesse de empreendedores para novas instalações industriais; interesse e especulação imobiliária; construção de casas populares (Cohapar; Caixa Econômica; Prefeitura Municipal e agências particulares);

*Saúde:* Limeira – falta e precariedade nas instalações e atendimento à população; ocupação dos moradores junto às margens do rio Curtume, cuja nascente fica próxima ao cemitério, constituindo-se em fator determinante de doenças;

São Cristóvão – instalação moderna de unidades de Estratégia de Saúde da Família; população com planos de saúde;

*Educação:* Limeira – uma escola e uma creche com infraestrutura precária;

São Cristóvão – creches; escolas municipais (Educação Infantil; Ensino Fundamental Anos Iniciais e Finais e Ensino Médio) com excelente infraestrutura, moderno laboratório de informática; abertura e implantação de novas opções para a formação profissional e técnica como, por exemplo, o Instituto Federal do Paraná (IFPR) até 2014;

*Social e cultural:* Limeira – população marginalizada; exclusão social; falta de opções de lazer; acesso maior, mais rápido envolvendo maior número de usuários a diferentes tipos de drogas, especialmente álcool e fumo, além de maconha e outras; insuficiência de recursos para viagens ou compra de jornais e revistas, e cinema;

São Cristóvão – disponibilidade de espaços para a prática de esportes (ginásio de esportes e clube), campos de futebol; Lan House; livrarias e bancas de revistas e jornais; população com acesso a viagens e cinema; e outros.

Compreende-se assim, os efeitos de um sistema econômico capitalista e do poder político que favorece uma parcela da população, enquanto exclui outra mediante a formação socioespacial desigual. E, no viés do desenvolvimento do Bairro São Cristóvão, privilegiado em diferentes segmentos (comércio, educação, saúde), o Bairro Limeira convive com a falta de emprego e ausência de mão de obra especializada levando a ocupação de áreas degradadas, tornando-se uma população excluída e marginalizada, ocupando áreas de risco, sem as mínimas condições de sustentabilidade, vivendo às margens da sociedade, favorecidas com alguns benefícios de políticas públicas, mas isentas das perspectivas de melhorias de condições de vida.

Sob essa ótica, Negrini (2012) classifica esses agrupamentos como uma massa populacional marginalizada frente à sociedade, uma vez que não desfruta de infraestrutura como, água, luz, rede de esgoto, moradia, educação de qualidade, saúde, ocupação no mercado de trabalho, entre outros. E como agravantes,

proliferam dificuldades e problemas relacionados ao uso de drogas, violência, trabalho infantil e prostituição.

Portanto, comprova-se que a formação econômica e social, conforme Santos (2009) é resultado das diferenças entre os lugares, que são realizadas pelos modos de produção no espaço bem como a atuação dos agentes econômicos e políticos.

## REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Política**. Brasília: Editora UNB, 1985.

CAPEL, H. *Geografia humana y ciencias sociales: uma perspectiva histórica*. Barcelona: Montesinos, 1989.

COSTA, W. M. da. **Geografia política e geopolítica**. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1992.

FÁVARO, Jorge Luís. **União da Vitória: Guia Turístico Histórico Cultural**. Prefeitura de União da Vitória. Administração Participativa. Gestão 1997/2000.

GOTTMANN, J. *La politique des États et leur géographie*. Paris: Armand Colin, 1952.  
In: VESENTINI, J. W. **Repensando a Geografia Política: um breve histórico crítico e a revisão de uma polêmica atual**. Revista do Departamento de Geografia, nº 20, 2010, p. 127-142. Disponível em: <http://citrus.uspnet.usp.br/rdg/ojs/index.php/rdg/article/view/11>. Acesso em: 20 dez. 2012.

HAESBAERT, Rogério. **O Mito da Desterritorialização: do "fim dos territórios" à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

IANNI, Octavio. **Teorias da Globalização**. 14 ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2007.

KASPERSON, R. E.; MINGHI, J. V. The structure of political geography. Chicago: Aldine Publising Company, 1969. In: VESENTINI, J. W. **Repensando a Geografia Política: um breve histórico crítico e a revisão de uma polêmica atual**. Revista do Departamento de Geografia, nº 20, 2010, p. 127-142. Disponível em: <http://citrus.uspnet.usp.br/rdg/ojs/index.php/rdg/article/view/11>. Acesso em: 20 dez. 2012.

LACOSTE, Y. *La Géographie, ça serve, d'abord, a fair ela guerra*. A Geografia – isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra. Campinas: Editora Papirus, 1976. In: VESENTINI, J. W. **Repensando a Geografia Política: um breve histórico crítico e a revisão de uma polêmica atual**. Revista do Departamento de Geografia, nº 20, 2010, p. 127-142. Disponível em: <http://citrus.uspnet.usp.br/rdg/ojs/index.php/rdg/article/view/11>. Acesso em: 20 dez. 2012.

LEFORT, C. Sobre a lógica da força. In: QUIRINO, C. G.; SOUZA, M. T. S. R. (org.). **O pensamento político clássico**. São Paulo: T. A. Queiroz editor, 1980.

\_\_\_\_\_. **Pensando o político**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

LOJKINE, Jean. **O Estado Capitalista e a Questão Urbana**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MAQUIAVEL, N. **O Príncipe**. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

MARX, K. **O Capital: crítica da economia política**. Livro I, vol. 2. ed. 20. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

MONTESQUIEU. **O espírito das Leis**. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

MORAES, A. C. R. **Introdução**. In: RATZEL. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática, 1990.

NEGRINI, Rafael Gustavo. **Urbanização e a formação de favelas: o caso da Favela Santa Amélia em Votuporanga, São Paulo.** Disponível em: [http://www.fev.edu.br/graduacao/urbanizacao\\_e\\_a\\_formacao\\_de\\_favelas\\_\\_o\\_caso\\_da\\_favela\\_santa\\_amelia\\_em\\_votuporanga\\_sp-26-artigo.html](http://www.fev.edu.br/graduacao/urbanizacao_e_a_formacao_de_favelas__o_caso_da_favela_santa_amelia_em_votuporanga_sp-26-artigo.html). Acesso em: 02/07/2012.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder.** São Paulo: Ática, 1993.

RATZEL, F. *Géographie Politique.* Paris: Éditions Régionales Européennes, 1988. In: VESENTINI, J. W. **Repensando a Geografia Política: um breve histórico crítico e a revisão de uma polêmica atual.** Revista do Departamento de Geografia, nº 20, 2010, p. 127-142. Disponível em: <http://citrus.uspnet.usp.br/rdg/ojs/index.php/rdg/article/view/11>. Acesso em: 20 dez. 2012.

RIBEIRO, W. C. **Relações entre espaço e poder no mundo globalizado.** 2012. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,relacoes-entre-espaco-e-poder-no-mundo-globalizado,174407,0.htm>. Acesso em: 15 dez. 2012.

SÁNCHEZ, J. E. **Geografia Política.** Madrid: Editorial Sínteses, 1992.

SANGUIN, A. L. *La Géographie Politique.* Paris: PUF, 1977a.

\_\_\_\_\_. **A evolução e a renovação da geografia política.** In: Boletim Geográfico. Rio de Janeiro: IBGE, nº 252, pp. 5-35. 1977b.

SANTOS, Maria Paula Gomes dos. **O Estado e os Problemas Contemporâneos.** Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração/UFSC; [Brasília]: CAPES: UAB, 2009.

SANTOS, Milton. **Por Uma outra Globalização: do pensamento único à consciência universal.** 14 ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2007.

\_\_\_\_\_. **Da Totalidade ao Lugar**. 1 ed. São Paulo: Editora Edusp, 2008.

VENTURA, F. **Geografia Política**. Faculdade de Tecnologia e Ciências. Educação a Distância. 2007. <http://www.ead.ftc.br/portal/upload/geo/3p/02-GeografiaPolitica.pdf>

VESENTINI, J. W. **Repensando a Geografia Política: um breve histórico crítico e a revisão de uma polêmica atual**. Revista do Departamento de Geografia, nº 20, 2010, p. 127-142. Disponível em: <http://citrus.uspnet.usp.br/rdg/ojs/index.php/rdg/article/view/11>. Acesso em: 20 dez. 2012.

VIEIRA, L. V. **A Pesquisa em Educação: Organização do Trabalho Científico**. Curitiba: IBPEX, 2005.